



Eu explico.explico

Hermínio Duarte-Ramos

hdr@mail.fct.unl.pt

Ao entrar no Século XXI sabe bem ler, na memória do Século XVIII, o extraordinário alcance da obra do Marquês de Pombal, particularmente quanto ao impulso aplicado no desenvolvimento económico, com o lançamento de novas indústrias: sedas e loiças em Lisboa, lanifícios na Covilhã, Fundão e Portalegre, tecidos de algodão em Alcobaca, chapéus em Pombal e vidros na Marinha Grande. Foram os alicerces da produção de bens que alimentaram gerações e gerações de portugueses.

A entrada do Século XXI confrange reter, nas páginas do presente, a política de destruição dessas e outras indústrias tradicionais ou não: mineira, siderúrgica, couros e calçado ou diversa. Sem perspectivas de substituição por indústrias modernas, no âmbito vasto da electrónica, da química ou da mecânica. Que a orientação (desorientação?) política (por mando europeu?) preocupa-se em tornar Portugal num país de serviços.

Ai está a virtualidade interneteana na sua mais expressiva reproduzibilidade para recreio, gozo e facilitação espasmódica. Obviamente, sem produção de bens palpáveis, sólidos, trocáveis. "Portugal turístico, à beira mar plantado" será o cerne do nosso processo evolutivo?

São interrogações como esta que me levaram a construir esta página fonética de "fixão ponto come". Eu explico. "Fixão" para descansar dos desencantos recolhidos após meio século de trabalho exaustivo, objectivado na recuperação impossível do atraso em que nasci; e em breve pausa até à leitura do mês seguinte. "Ponto" para analisar a situação como ela se apresenta nas franjas do tempo, em busca da realidade que é; e pôr o acento apropriado na mensagem científica e tecnológica mensalmente aqui transmitida em papel impresso. "Come" para ingerir os sapos e elefantes impostos pelos eleitos incompetentes, escolhidos sob critérios estranhos à racionalidade e emotividade, próprias de um povo esquecido da sua força histórica; e dar o tom do espírito do tempo, apontando os comandos da vontade no sentido da realidade que-deve-ser.

Desculpem os leitores este vício incontinido do clique.com, mas não resisto à beleza da

linguagem pontificada. Se há quem escreva romances, ao mais alto nível dos prémios, sem pontos finais nas frases acabadas, porque não há-de cada um escrever com pontos; no meio do que diz? Há uma justificação científica para isso: equilibrar a Natureza. O teorema demonstra-se facilmente: aos pontos a menos contrapõem-se prontos a mais. E pronto (ou prontos?).

Afinal o que digo está a sair para o lado do humor. Eu explico. É que tinha pensado equilibrar o mal-estar, causado pela desgovernação em que vivemos, com onze tiradas de boa-disposição, durante todo o ano 2001. Só que não será fácil tirar quando os intelectuais acham que devemos chorar. Por reacção talvez se consiga.

Não me venham com essa de ser reaccionário, pois eu sei que somos reactivos. A quem não souber o que significa esta corrente reactiva recomendo um curso de engenharia electrotécnica — e, então, saberá aquilo que penso. Explicar tudo direitinho, aqui, não consigo explicar não. De facto, só tenho uma página para reactivar a reacção à inacção.

Lembram-se da página de «Saidas», humor técnico que aqui residiu há uns anos? (Já lá vão treze). Pois foi essa escrita aligeirada que pensei reactivar, agora no espírito interneteano. Topa? Hein? Não topa? Eu topo. Também topa. Pronto(s).

Era assim, a ideia de animar a malta. Até inventei o nome da nova secção: "Fixão". Isso mesmo: Fixão, como grafia moderna de ficção. Eu explico. É que ao ler a escrita despontuada de José Saramago e a narrativa quebrada de António Lobo Antunes (para pontuar bem alto) só consigo compreender o enredo engenhado (por esses engenheiros de entredos) dentro de um paradigma de fixão. Na realidade, tenho de me fixar com muito cuidado na leitura, senão perco o fio à meada e lá se vai a ficção.

Ocorreu-me este pensamento fixionista esta madrugada. Nunca revelei? Ah, então eu explico: as grandes ideias ocorrem-me sempre ao deitar-me na cama, todas as noites. Antes de adormecer penso naquilo que vou fazer no dia seguinte. E vêm-me à mente soluções dignas do

maior génio jamais existente. Ideias impressionantes de ineditismo. Estão a ver? Porém, acontece que esse contentamento embalame de tal maneira que adormeço logo. E esqueço-me de tudo. Assim, nunca aproveitei a mínima dessas genialidades. Como é fácil de aperceber. Mas de manhã acordo com os últimos fumos da fermentação. Agarro, tenazmente, a fumarola que resta, convicto que dai chego ao fogo inicial. Em vão. Nunca consigo mais que o desconforto da transpiração.

Esta manhã o fumo fixou-se na ficção. E agora aqui estou a transpirar, linha a linha, batendo as batidas com das letras que derramam o humor encapsulado no mais complexo circuito impresso do cérebro e imprimindo a fixão nesta última página. Eu explico. Acho que vivemos em ficção. Esta é a realidade. Por isso, é da ficção que devo falar.

Exactamente, o *Diário de Notícias* traz hoje (quem quiser confirme: 2000-12-18) a notícia: a Siemens quer absorver o grupo Isolux-Efacec. Deixem-me que explique: a Efacec ainda é portuguesa; e os espanhóis da Isolux estão com os dentes afiados, à espera que a Efacec passe, airosa (dizei, salerosa), na clareira da floresta, para a abocanhar (num dos dias que aí vêm). Assim que for oportuno o matrimónio ibérico faz-se. Lá se vai a noiva para terras de Castela, como é tradição. Eis a globalização, que não é má de todo. Pelo menos acabará com o triste cenário do stand ermo da Efacec na Elec. Na exposição 2000 (em Paris, no passado mês de Dezembro) nem sequer mereceu registo no catálogo, estando presente, enquanto a Espanha exhibia (em múltiplos e concorridos stands) a imensa alegria de ascender quase (mesmo quase) aos maiores da Europa (na cimeira de Nice). Não admira que a nossa "menina dos olhos lindos" da indústria electrotécnica seja apetecida. Logo que o enlace ibérico se consumir, os alemães enviarão o colchão de sumatma, fofoinho, para cativar.

Os robôs lusitanos passarão a trabalhar para o passarão germânico.

Ainda querem que eu explique.explique mais?